



ATIVIDADE RECONSTRUTIVA COMO FERRAMENTA DA GEOGRAFIA – ENSINO E INVESTIGAÇÃO DIDÁTICA

Natan Gurkewicz Nunes¹
José Ricardo Rodrigues Rocha²

RESUMO: Com base nas atividades desenvolvidas durante as aulas de Estágio II no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Goiás – Regional Jataí buscou-se criar uma pesquisa voltada para a prática de ensino e a investigação, entendidos como um processo concomitante. Tal pesquisa se embasa na premissa do potencial do empirismo de sua atividade e da produção intelectual dos alunos para obter seus resultados. O norte idealizado é estabelecido por uma atividade chamada de reconstrução de conteúdo, onde o aluno será condicionado a produzir e refletir sobre dois modos de representação de um conteúdo, o visual e o escrito, tendo então que transcrever de uma forma para a outra, e vice-versa, deste modo tais atividades serão aplicadas antes e depois da intervenção pedagógica, que vem a ser uma aula específica sobre o tema, visando compreender o avanço cognitivo do aluno. Em determinado momento a pesquisa versa com autores que falam sobre a questão do ensino/aprendizado e suas tendências sociais, sobre o que a Arte tem para oferecer para a Geografia enquanto ciência, sobre a investigação do entendimento humano e principalmente sobre o uso de ferramentas e técnicas passíveis de renovação.

Palavras-chave: Aprendizado. Empirismo. Práxis. Socioconstrutivismo.

Eixo Temático: III Ciências Humanas e Sociais.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho é a parte de concepção e reflexão teórica do projeto de intervenção pedagógica do Estágio II do Curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás – Regional Jataí modalidade Licenciatura que buscará desenvolver-se no EJA 3ª etapa do Colégio Estadual Emília Ferreira de Carvalho situado na área urbana da mesma cidade.

O ensino deverá ser exposto com auxílio de material didático e da lousa as fundamentações e as formas de procedimentos, a partir daí propõe-se que os alunos façam a prática de modificar o que estão estudando. Ou seja, vislumbra-se que ao fazer o movimento de reprodução o aluno consiga incutir melhor ambos os conteúdos, o visual e o escrito.

O tema escolhido é justificado, pois se concluiu em aulas de observação do estágio no Colégio Estadual Emília Ferreira de Carvalho que o conteúdo visual causa certo desconforto

¹ UFG – Regional Jataí; Graduando em Geografia; natangnunes@yahoo.com.br

² UFG – Regional Jataí; Mestre em Geografia; joserocha90@hotmail.com

aos alunos em relação à capacidade de assimilação e vontade de análise, pois aparentemente veem os mapas, gráficos, tabelas e afins como sendo sem importância.

A Geografia, o cotidiano e praticamente todas as outras áreas do conhecimento exigem e/ou exigirá que o aluno seja capaz de analisar e entender ambas as formas de inserção de conteúdo, visual e descritiva. Por necessitar de poucos recursos se torna extremamente viável, uma vez que a potencialidade de sucesso dependerá substancialmente da interação consciente dos envolvidos, ao qual neste trabalho entende-se que o viés sócioconstrutivista seja o escopo.

O objetivo desta pesquisa é buscar novas formas de exposição do conteúdo do livro didático, se embasando em reconstruir e desconstruir ferramentas como: mapas, tabelas, gráficos e quadros. Verificar empiricamente e em forma de avaliação da materialidade produzida a potencialidade apresentada pelos alunos.

Analisar o comportamento dos alunos no momento da realização da atividade.

Material e métodos

Resumidamente o pressuposto da ação em sala de aula será cronologicamente: 1- Aplicação das atividades construídas pelo professor intervencionista; 2- Fazer a aula expositiva dialogada; 3- Aplicar a mesma atividade aplicada anteriormente.

Para tanto primeiramente serão construídos dois conteúdos com base no livro didático utilizado pela turma escolhida, um em forma analítica de texto na qual terá que ser revertido pelo aluno para o formato de mapas, tabelas, gráficos e quadros (a escolha, neste caso, estará aberta ao aluno), o outro é justamente o movimento contrário, ou seja, o aluno terá que produzir uma análise descritiva de um material visual.

Com o resultado da primeira atividade em mãos e com auxílio da lousa as aulas terão o objetivo de ser expositiva dialogada e, por conseguinte, de reaplicação da atividade prática voltada para realização da reversão do conteúdo, ou seja, verificar se o que foi exposto incutiu no aluno da maneira idealizada. Para tal serão necessários: lousa, pincéis para lousa e impressões das atividades para cada aluno.

A aula expositiva dialogada tenderá a ser um exercício no qual o professor intervencionista demonstre de forma simplificada como se constrói o conteúdo visual, demonstrando as regras e os significados dos símbolos neles expressos entre outras peculiaridades, sempre tendo como auxiliar na construção/explicação o próprio aluno. Procura-se na atividade que será aplicada um material de conteúdo mais avançado do que foi

exposto na aula, pois o intuito da aula antecedente é dar os instrumentos intelectuais para tais avanços, logo à atividade é a investigação do avanço.

Resultados e discussão

Ensinar Geografia com base em programas preestabelecidos, livros didáticos impostos, currículos pouco flexíveis tendem a ser uma maneira de retirar o significado cotidiano e, apenas inserir um conteúdo que posteriormente trará algum significado social, como por exemplo: vestibular e concurso. Entretanto, o dia-a-dia do aluno, nessa perspectiva, perde referência teórica, e todo esse processo causa como reação do professor uma pedagogia simplista, oriunda da insegurança e do comodismo profissional Cavalcanti (2010).

Sabe-se que as estruturas das escolas públicas brasileiras não são um modelo de funcionalidade, pois retratam uma precariedade na capacidade de gestão dos recursos públicos em várias escalas por vários motivos, no entanto cabe ao professor buscar formas de superar esse empecilho, assim como salienta Cavalcanti (2010, p. 2):

O quadro estrutural atual impõe limites à atuação e formação profissionais, o que não significa impossibilidade de resistência, podendo-se vincular essa resistência a projetos de formação dos alunos. Ao dar aulas para qualquer nível de ensino, o professor escolhe sua fala, seu discurso, define abordagens, enfoques, tempos de fala, tempos de silêncio, encaminha atividades, utiliza-se de recursos, que têm influência direta nos resultados dos processos de aprendizagem dos alunos. De alguma maneira, consciente ou inconscientemente, o trabalho do professor está ligado a um projeto de formação, a um projeto de sociedade, a um projeto de humanidade.

Além da importância de se pensar o “porquê”, é imprescindível que o professor tenha capacidade abstrativa e proativa de buscar construir o “como”, principalmente buscando embasar-se na Assimilação ativa, que segundo Libâneo (1991 p. 83) é “o processo de percepção, compreensão, reflexão e aplicação que se desenvolve com os meios intelectuais, motivacionais e atitudinais do próprio aluno, sob a direção e orientação do professor” e em conjunto com a perspectiva socioconstrutivista donde o aluno encontra significado externo do conhecimento escolar Cavalcanti (2002).

Com relação às políticas públicas educacionais, mais restritamente aos PCN’s, que são de fato presentes nas realidades das escolas brasileiras, tanto em relação à formulação e o cumprimento do mesmo, tem-se como excelência que as escolas e professores tenham acesso e conhecimento de suas diretrizes, pois, como conclui Costa (2012) os PCN’s “pretendem

auxiliar os professores na reflexão sobre as metodologias utilizadas na laboração de projetos educativos em sua escola. Não se tratando de regras a serem cumpridas dizendo o que deve ou não fazer”.

Pensando agora o ensino propriamente dito, a construção de um mapa (ou qualquer outra forma de representação) pelo aluno tem potencialidade diferente e de maior qualidade, a princípio, do que a simples interpretação de mapas feitos por outros, nesse sentido segundo Somma (2003) o aluno precisa, para romper seus limites, elaborar seus “Mapas para ver”, contudo ressalta que esse é um procedimento que exige maior dedicação e requer “ensaios e análises das evidências” para que não se continue apenas como reprodução de conteúdo, mas sim como construção de saberes.

Por mais que a construção de um mapa, gráfico, tabela entre outros não seja a expressão da Arte pura, eles contem em si uma descrença do senso comum, tal como a Arte, como sendo algo sem valor reflexivo ou informativo, nesse sentido Marandola JR (2008 apud FREDERICO, 2009) expõe:

a capacidade de produzir arte faz parte daquilo que torna o homem único. A ciência moderna, no entanto, tratou de dissociar arte de pensamento e, com isso, ciência de arte. A Geografia, enquanto ciência moderna respeitou essa separação, embora em certos momentos tenha se utilizado de descrições artísticas como ilustração para seus trabalhos, em especial as literárias. Nas reestruturações epistemológicas contemporâneas, no entanto, reconduzir a Geografia para seu encontro com a Arte é tanto necessário quanto imprescindível para seu desenvolvimento. Isso não ocorre apenas pela incorporação da arte como documento, mas sobretudo como símbolo e marca de um espaço-tempo cultural.

A intenção de se fazer duas formas diferentes de demonstrar um conteúdo nessa pesquisa está relacionado com a teoria de Associação de ideias encontrada em David Hume (2006, p. 35) “Está claro que existe um princípio de conexão entre os diferentes pensamentos ou ideias da mente humana e que, quando se apresentarem à memória ou imaginação, se inserem mutuamente com certo método e regularidade”.

Conclusões

Demonstrar que esse aprofundamento no uso de meios visuais associado a sua desconstrução descritiva e vice-versa pode ser usado como uma ferramenta útil para compor o ensino holístico. Pretendendo-se exercitar uma forma pedagógica mais detalhista e transformar a assimilação consciente (do professor e do aluno) em socioconstrutivismo,

instigando o aluno a ser construtor e não só receptáculo do conhecimento, tendendo a dar ao aluno pertencimento ao conhecimento e o afirmando como gerador de saberes.

Além de que presume-se que a experiência de aplicação poderá demonstrar se ela estabelece uma boa dinâmica em sala de aula, rompendo o cotidiano enfadonho. Tudo isso, compreende essa pesquisa, só tem valor didático se o referente for o aprendizado do aluno e não o conteúdo em si, já para a investigação tudo se mostra como resultado.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas**. Belo Horizonte, 2010.

_____. **Geografia e práticas** de ensino. Goiânia: Alternativa, 2002.

COSTA, N. D. da; SOUZA, S. C. A Interdisciplinaridade no Ensino da Geografia nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. In: Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e inovação, 7, 2012, Palmas. **Anais...** Tocantins, 2012.

FREDERICO, I. C.; TEIXEIRA, Ana Lucia. Práticas Interdisciplinares no Ensino de Geografia. In: Encontro Nacional De Prática de Ensino em Geografia - ENPEG,11, 2009, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2009.

HUME, David. **Investigações sobre o Entendimento Humano**. 2. ed. São Paulo: Escala, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

SOMMA, Miguel Ligüera. Alguns problemas Metodológicos no Ensino de Geografia. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Associação de Geógrafos Brasileiros – seção Porto Alegre, 2003.